

**A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E INCONSCIENTE:
DO SUJEITO “EQUIVOCADO” AO SUJEITO DO EQUÍVOCO**

Junot de Oliveira MAIA
(Orientadora): Profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite

RESUMO: As teorias desenvolvimentistas, tão bem exemplificadas pelos trabalhos de Piaget e Vygotsky, pressupõem um sujeito cartesiano, que usa a linguagem e se insere no jogo discursivo de maneira transparente. Por outro lado, os estudos psicanalíticos afirmam um sujeito dividido, cujo discurso é atravessado por manifestações do inconsciente e impassível de centralização ou totalização. Dessa forma, à luz da psicanálise, o sujeito das teorias desenvolvimentistas torna-se “equivocado”, uma vez que o sujeito, em sua essência, é marcado por seu inconsciente, incapaz de controlar seu dizer e, portanto, porta-voz do equívoco, que é a clara manifestação do inconsciente no ato de enunciação.

Palavras-chave: Linguagem, psicanálise, teorias desenvolvimentistas, sujeito do inconsciente.

Introdução

Muito se pode depreender de uma teoria a partir do sujeito ideal por ela construído. No campo da linguagem, isto se torna ainda mais evidente na medida em que a fala é o elemento que confere sentido às funções do sujeito e o discurso é o campo concreto no qual a realidade transindividual do próprio sujeito se estabelece (cf. LACAN, 1998: 257).

As teorias desenvolvimentistas, como aquelas trabalhadas principalmente por Piaget e por Vygotsky durante a segunda metade do século XX, por exemplo, apresentam representações cartesianas, objetivas, racionais do sujeito. Por outro lado, as teorias psicanalíticas pautadas em Freud determinam em um sujeito que, imerso no discurso, torna-se sujeito do equívoco, já que é incapaz de controlar sua fala na medida em que esta é diretamente afetada pela tensão entre o que é recalcado e, ao mesmo tempo, quer vir à tona.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho, então, é justamente contrastar o sujeito clássico que se configura em uma teoria desenvolvimentista, a saber, a teoria de *scaffolding* proposta por WOOD, BRUNER e ROSS (1976), com o sujeito da psicanálise, sujeito do equívoco e do inconsciente, marcado por traços que denotam sua incapacidade de dominar o seu dizer.

A teoria de *Scaffolding* e a questão da linguagem

A teoria de *scaffolding*, amplamente conhecida como a teoria dos andaimes, foi proposta por WOOD, BRUNER e ROSS (1976) e consiste em uma sistematização do aprendizado da criança, capaz de relacionar as estratégias e concepções intuitivas de intervenção de educadores na aprendizagem das crianças.

Segundo estes autores:

“The acquisition of skill in the human child can be fruitfully conceived as a hierarchical program in which component skills are combined into “higher skills” by appropriate orchestration to meet new, more complex task requirements” (WOOD, BRUNER e ROSS, 1976: 89).

Um desenvolvimento hierárquico das habilidades da criança como este encontra sua essência no conceito de ZDP – Zona de Desenvolvimento Proximal – desenvolvido por VYGOTSKY (1962 [1934]), que consiste no espaço cognitivo existente entre aquilo que um aprendiz (par menos competente) consegue realizar sozinho e o que ele, em situação de interação, consegue realizar com a ajuda de um tutor (par mais competente). Foi este autor, então, quem reconheceu que a distância entre aquilo que se faz sozinho e o que se faz com a ajuda de um tutor indica estágios de desenvolvimento do sujeito e estes estágios são alcançados através de orientações que são construídas através da linguagem (cf. VERENIKINA, 2003).

A partir disso, o que é fundamental reconhecer é que os sujeitos da teoria de *scaffolding* se relacionam através da interação, ou seja, esta transmissão de orientações do par menos competente para o par mais competente se dá por meio da linguagem, de modo que aquele precisa compreender exatamente a instrução recebida deste para conseguir executar a tarefa requerida.

Isto pode ser entendido da seguinte maneira: o par mais competente instrui seu aprendiz, este está suposto a compreender a orientação de seu tutor exatamente como lhe foi passada por meio da linguagem e o resultado é quem vai determinar se esta transmissão foi clara. Afinal, se o aprendiz conseguir realizar a tarefa, isso significa que o andaime foi efetivo, o aprendiz compreendeu exatamente a orientação de seu tutor e a tarefa foi cumprida com êxito; por outro lado, se o aprendiz não conseguir realizar a tarefa, o andaime falhou, a orientação do tutor não foi adequada, de modo que este deve manipular a linguagem de outra maneira que consiga ser compreendida e diretamente transmitida para o aprendiz.

A questão da linguagem é, pois, fundamental nesta teoria, na medida em que ela será a ferramenta que viabiliza a transmissão de orientações, ou seja, o fornecimento de andaimes. Ao mesmo tempo, pode-se depreender que o sucesso

dos andaimes fornecidos para o aprendiz depende de uma transmissão clara por parte do par mais competente, este que, analisando o perfil cognitivo de seu tutorado na situação de interação, deve manipular a linguagem para que a instrução funcione de maneira direta.

A linguagem e o sujeito do inconsciente: observações sobre Freud e Lacan

Ao tecer comentários sobre a revelação histórica, LACAN afirma que:

“é a fala presente, que a atesta [revelação histórica] na realidade atual e funda essa verdade em nome dessa realidade. Ora, nessa realidade, somente a fala testemunha a parcela dos poderes do passado que foi afastada a cada encruzilhada em que o acontecimento fez uma escolha” (1998: 257).

Eis aí uma importante introdução para começarmos a pensar sobre o sujeito considerado por Lacan. Para ele, o sujeito significa e é significado por meio da linguagem e, ao falar, exterioriza aquilo que foi resultado de uma espécie de filtragem. Por conseqüência, o produto dessa filtragem seria um elemento da ordem consciente, um enunciado que estaria sujeito ao ato de enunciação que o elabora. O inconsciente seria, então, “parte do discurso concreto, como transindividual, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente” (LACAN, 1998: 260).

Dessa forma, é válido registrar que para Lacan:

“o sujeito advém pela linguagem mas, perde-se nela, por sempre estar aí apenas representado. Mas, ao mesmo tempo, a verdade do sujeito só advém na articulação da linguagem, em sua enunciação. O sujeito do desejo deve ser situado ao nível do sujeito da enunciação.” (CHNAIDERMAN, 1998: 53).

Trata-se, pois, de um sujeito que “é mais falado do que fala” (LACAN, 1998: 281) e, conseqüentemente, é constituído a partir da linguagem.

Dessa forma, é mister que reconheçamos, então, que o sujeito do inconsciente, fundado na psicanálise, é um sujeito incompleto, um sujeito quebrado, um sujeito cuja “subjetividade não é passível de totalização ou de centralização” (GUATTARI e ROLNIK, 2007 [1986]: 31). No campo lingüístico, isso se torna evidente na medida em que a linguagem, assim como o sujeito que a pratica, não é algo transparente, mas sim um sistema translúcido, marcado por escorregamentos por parte do sujeito que representam as manifestações de ordem inconsciente, parte majoritária da vida psíquica (cf. CHNAIDERMAN, 1998: 49).

Assim, à luz do que afirma LACAN:

“Quanto à psicopatologia da vida cotidiana, outro campo consagrado por uma outra obra de Freud, está claro que todo ato falho é um discurso bem-sucedido, ou até formulado com graça, e que, no lapso, é a mordaca que gira em torno da fala, e justamente pelo quadrante necessário para que um bom entendedor encontre ali sua meia palavra” (1998: 269)

urge que seja comentado algum caso de escorregamento que denote a determinância do inconsciente sobre a linguagem, como o caso narrado por FREUD (1901) sobre o esquecimento do nome próprio Signorelli (cf. FREUD, 1987 [1901]). Neste caso, o autor lança mão de uma situação de esquecimento nominal pela qual passou não só para apontar que este esquecimento, em grande parte dos casos, culmina na lembrança de um outro nome que não é o que se quer lembrar, mas também para afirmar que o deslocamento que leva a tal escolha não é psiquicamente arbitrária, mas sim uma trajetória previsível determinada pelo inconsciente, este que é o principal responsável por este funcionamento translúcido da linguagem.

O sujeito “equivocado” das teorias desenvolvimentistas e o sujeito freudiano do equívoco

Apresentadas, pois, as duas teorias com os respectivos sujeitos que as compõem, é interessante que se aponte, aos olhos da psicanálise, particularidades relativas a cada teoria e detalhes sobre os sujeitos que cada uma delas instaura.

Os conceitos que envolvem a teoria de andaimes nos permitem reconhecer um sujeito que está suposto a fornecer, por meio da linguagem, uma orientação direta que, visando a menor possibilidade de confusão, deve ser claramente transmitida a fim de se obter sucesso na resolução da tarefa. Conseqüentemente, o sujeito aqui está suposto a compreender exatamente o que o outro da interação, o tutor, está indicando, já que é este último o sujeito que, no controle de sua fala e na posse de seu dizer, conduzirá seu aprendiz ao sucesso na tarefa. Isso se torna ainda mais claro ao se afirmar que a teoria de andaimes

“is the usual type of tutoring situation in which one member 'knows the answer' and the other does not, rather like a 'practical in which only the instructor 'knows how'”
(WOOD, BRUNER e ROSS, 1976: 89),

pois o tutor exterioriza seu *know-how* e indica as instruções por meio da linguagem, sendo ele, então, o detentor de uma informação que, se transmitida

claramente, viabiliza o sucesso da tarefa, além de se tornar uma verdade incontestável na situação interacional.

Assim, a linguagem, materializada na instrução do tutor, é colocada como elemento impermeável, uma estrutura hermética que, embora posta em prática por um sujeito, tal como afirmam as teorias psicanalíticas,

“indivisível, (...) uma entidade unificada em seu próprio interior; uma entidade singular, distintiva, única (...), sujeito racional, pensante e consciente, situado no centro do conhecimento, (...) sujeito cartesiano” (CORACINI, 2003: 240-241),

ainda assim deve ser entendida claramente pelo interlocutor.

É na psicanálise que encontramos argumentos para classificar este sujeito fechado, dono de seu dizer, como um sujeito “equivocado”, na medida em que este pensa controlar seu dizer e seu discurso, algo impossível se pensado em relação à teoria freudiana de incompletude do sujeito determinada por seu inconsciente.

Ao contrário do sujeito “equivocado”, o sujeito do equívoco se caracteriza por sua incompletude, é o sujeito lacaniano do “Sou, onde não penso”. Um sujeito

“em que não há essência, mas sim evanescência; é falar do inconsciente com o inconsciente, sem contradizer o caráter fundamental elíptico e surpreendente do inconsciente; (...) que o próprio nome já diz: aquele que se sujeita, sujeito inconsciente, que só é possível advir no percurso da fala onde recupera, na sua própria fala, todas as falas faladas sobre ele” (MELO, 2004: 2).

Nessa linha, pensar na fala em relação ao sujeito do equívoco é reconhecer que o ato de falar envolve contar lembranças e esquecimentos e, assim, enunciar, produzir efeito de sentido que é subjetivo e, portanto, singular a cada um a partir do desejo que o constitui. A função da fala é, pois, instaurar o sujeito em sua singularidade que é própria de sua estrutura, é perseguir este impossível objeto do desejo (que o completaria) por meio da linguagem, carregada de seus sonhos, lapsos e atos falhos.

A fala é, portanto, para o sujeito do equívoco, ato e produção de desejo, na medida em que constrói o sujeito determinando uma estrutura que se sustenta pelas leis da linguagem que comandam o inconsciente.

Conclusão

Este trabalho buscou mostrar, por meio da teoria de andaimos, que envolve o fornecimento de instruções para a realização de uma tarefa, como as teorias

desenvolvimentistas costumam pressupor um sujeito que é dono de seu dizer, capaz de controlar sua fala e, por conseguinte, dar forma e desenvolvimento a uma linguagem transparente, uma linguagem hermética.

Trata-se, pois, de um sujeito “equivocado” aos olhos da psicanálise, já que o sujeito do equívoco, o sujeito inconsciente da psicanálise, caracteriza-se pela incerteza, pelo desconhecimento, pela impossibilidade de controle e posse de seu dizer, o que nos remete a uma linguagem que, completamente determinada pelo inconsciente, é principalmente marcada pela incompletude, esta que, no ato de enunciação, se exterioriza através de atos falhos, lapsos, sonhos, entre outras manifestações.

Referências Bibliográficas:

- CHNAIDERMAN, M. (1998). “Língua(s)-linguagem(ns)-identidade(s)-movimento(s): uma abordagem psicanalítica”. In: *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, FAEP/UNICAMP; São Paulo: FAPESP, pp. 47-67.
- CORACINI, M. J. (2003). “Subjetividade e identidade do(a) professor(a) de português”. In: CORACINI, M. J. *Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora UNICAMP, Chapecó: Argos Editora Universitária, pp. 239-256.
- FREUD, S. (1987 [1901]). *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Imago, 267 pp.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. (2007 [1986]). *Micropolítica. Cartografias do desejo*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 269 pp.
- LACAN, J. (1998). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 238-324.
- MELO, E. R. N. B. (2004). “O sujeito: efeito de uma fala”. In: *Revista Veredas, n° 10*. Recife, 6 pp.
- VERENIKINA, I. (2003). “Understanding scaffolding and the ZPD in educational research”. In: *Conference papers of AARE/NZARE*. Auckland, 8 pp.
- VYGOTSKY, L. S. (1962 [1934]). *Thought and language*. Cambridge: MIT Press.
- WOOD, D.; BRUNER, J.; ROSS, G. (1976). “The role of tutoring in problem solving”. In: *Journal of Child Psychology and Psychiatry, vol. 17*. Londres, pp. 89-100.